Marlene Bergamo/Folhapress

Thalita, 16, observa a irmã Letícia, 10, que mora na cidade de São Paulo e estudará em colégio particular neste ano

O PODER DA EDUCAÇÃO

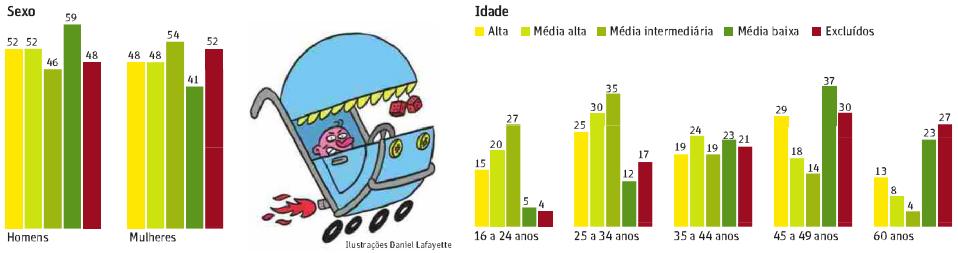
Pesquisa do Datafolha indica que a escolaridade é o principal fator de distinção das classes sociais no Brasil, mais do que a posse de bens de consumo e a renda

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

	CLASSE ALTA	CLASSE MÉDIA ALTA	CLASSE MÉDIA INTERMEDIÁRIA	CLASSE MÉDIA BAIXA	EXCLUÍDOS
NÍVEL ESCOLAR ▸	77% superior	75% médio	89% médio	99% fundamental	100% fundamental
RENDA FAMILIAR ▸	92% superior a 5 s.m.	71% 3 a 10 s.m.	94% até 5 s.m.	48% até 3 s.m.	92% até 3 s.m.
TRABALHO ▸	13% empresários	35% assalariados com registro	15% assalariados sem registro	21% aposentados	68% serviços gerais

CLASSE MÉDIA É A QUE MAIS CRESCE, MAS É DESIGUAL pág. 2 >> **CARREIRA É MAIS VALORIZADA DO QUE CASAMENTO** pág. 5 >> **COMPARE SEUS HÁBITOS DE LAZER COM OS DE OUTROS BRASILEIROS** pág. 8 >>

CLASSE MÉDIA INTERMEDIÁRIA TEM MAIS JOVENS
Perfil das classes sociais, em %



49
anos é a média de idade dos excluídos, a maior entre as cinco classes. Na classe média intermediária, a média cai para 33 anos

Um país de três classes médias

Grupo formado por 90 milhões de pessoas está longe de ser homogêneo; indicadores de renda e educação são os que mais distanciam seus integrantes

ÉRICA FRAGA
DE SÃO PAULO

O Brasil é um país de classe média. Seis em cada dez brasileiros com 16 anos ou mais já pertencem a esse grupo, segundo o Datafolha.

Com 90 milhões de pessoas —número superior ao da população alemã—, a classe média brasileira, no entanto, está longe de ser homogênea.

A variedade de indicadores de renda, educação e posse de bens de consumo permite a divisão dessa parcela da população em três grupos distintos que separam os ricos dos excluídos.

O acesso crescente a bens de conforto —como eletroeletrônicos, computadores e automóveis— é o que mais aproxima as três esferas da classe média brasileira.

A partir da medição da posse desses itens, a população é dividida em classes nomeadas por letras.

O Brasil de classes médias é aquele que está conseguindo escapar dos estratos D e E, deixando para trás os excluídos, mas ainda quase não tem presença na classe A.

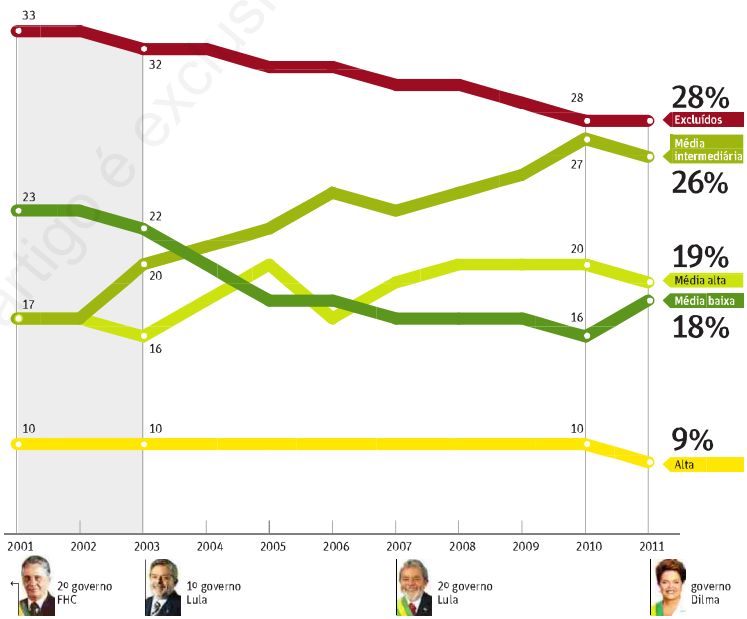
Ganhos de renda —consequência de crescimento econômico mais forte e políticas de distribuição de renda— e maior acesso a crédito contribuíram para essa tendência.

"Aumentos de renda que parecem pequenos para a elite têm representado uma revolução para as classes mais pobres", afirma o economista Marcelo Neri, da FGV (Fundação Getúlio Vargas).

Se a posse de bens de consumo aproxima as três classes médias brasileiras, indicadores de renda e educação ainda os distanciam.

Rendimento e escolaridade mais elevados são, por exemplo, características que afastam os brasileiros da classe média alta dos outros dois estratos. Já as linhas que separam os integrantes das classes médias intermediária e baixa são mais tênues.

CLASSE MÉDIA INTERMEDIÁRIA GANHA ESPAÇO, E EXCLUÍDOS PERDEM
Evolução das classes sociais no Brasil, em %



A QUANTIDADE DE FILHOS

A maior média de filhos (3,2) está entre os excluídos, e a menor, na classe média alta (1,92). Dados do Censo 2010 divulgados no ano passado mostram que a fecundidade no Brasil é de 1,86 filho por mulher. Segundo o Datafolha, 11% dos excluídos têm seis filhos ou mais. O índice cai para 6% na classe média baixa e não passa de 2% nos demais grupos. Em 1960, a fecundidade no Brasil era de 6,2 filhos por mulher

A renda da classe média baixa ainda é, por exemplo, mais elevada do que a da classe média intermediária.

No entanto, os integrantes bem mais jovens da classe média intermediária têm melhores perspectivas econômicas por conta de avanços educacionais mais significativos nos últimos anos.

Esse grupo é o que mais se expandiu no país na última década. Com 37 milhões de pessoas (de 16 anos ou mais), só perde para os excluídos, que ainda formam a classe mais numerosa no Brasil, embora tenham encolhido.

> **Apesar dos avanços recentes, o país ainda é caracterizado por uma dicotomia, com elite pequena, porém bastante rica, que se separa da grande massa de renda baixa**
>
> **MARCELO MEDEIROS**
> sociólogo da UnB

Apesar da expansão significativa da classe média, há quem ainda não sinta fazer parte do grupo. É o caso de Rosiley Marcelino Silva, 46. Casada e mãe de dois filhos adultos, ela vive da venda de salgados e do salário do marido, ajudante de caminhão.

"Não acho que tenho vida de classe média. Mas agora dá para sobreviver", diz Rosiley, que foi classificada pelo Datafolha como classe média intermediária.

A vulnerabilidade da nova classe média é uma questão que preocupa as autoridades.

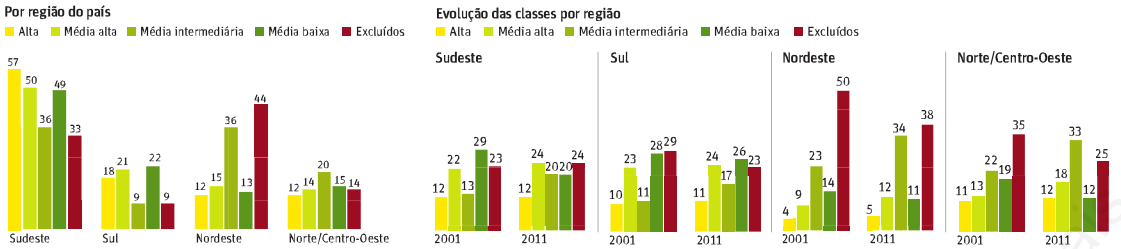
"Nós estamos tentando pensar em políticas que ajudem essas pessoas a não retornarem para a pobreza, porque esse é um risco", afirma Diana Grosner, economista da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República.

Segundo ela, o governo trabalha agora em uma definição oficial de classe média e, depois, poderá dividi-la em até três grupos distintos para elaborar políticas específicas de acordo com as necessidades de cada um deles.

Este artigo é exclusivo para fins educacionais.

TAXA DE EXCLUÍDOS CAI NO NORDESTE, MAS AINDA É A MAIOR DO PAÍS

Em %



Marlene Bergamo/Folhapress

MAIOR PARTE DOS BRASILEIROS É DA CLASSE MÉDIA

12 milhões Alta

27 milhões Média alta

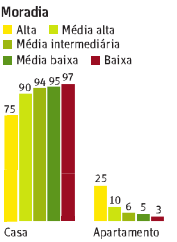
37 milhões Média intermediária

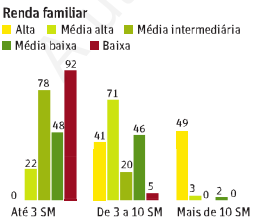
26 milhões Média baixa

39 milhões Excluídos

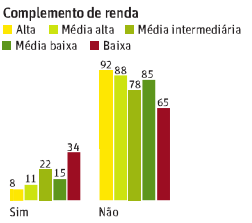
CLASSE MÉDIA INTERMEDIÁRIA

A estudante Priscila Silva de Alcântara, 21, é solteira e vive com o pai, José de Alcântara, na periferia de Salvador, na casa própria que estão terminando de construir. Ela sempre frequentou a escola pública e tem ensino médio completo — hoje faz também um curso técnico de análises clínicas à noite. Pela manhã, estagia no hospital pediátrico Martagão Gesteira, na capital baiana, e à tarde trabalha como atendente em um supermercado próximo de onde mora. O pai é mecânico de automóveis.





92% dos excluídos têm renda familiar de até três salários mínimos



65% dos excluídos não recebem nenhum tipo de complemento de renda do governo

62%

Dos entrevistados consideram que sua atual situação financeira é melhor que a que os pais tinham. Entre os excluídos, 31% acham que ganham muito pouco, índice que cai para 4% na classe alta.

SAIBA MAIS

Definição dos 5 grupos considera 3 variáveis

DE SÃO PAULO

Como as ciências sociais não admitem uma definição consensual para o conceito de classe média, o termo varia de acordo com os parâmetros de quem o analisa.

É bastante frequente a classificação econômica com base na posse de bens de consumo e na escolaridade do chefe da família.

Para adotar a nomenclatura (classe alta, classe média alta, classe média intermediária, classe média baixa e excluídos), o Datafolha ouviu 1.890 pessoas com 16 anos ou mais, responsáveis por ao menos parte das despesas na casa onde moram, em 144 municípios de todo o Brasil.

Os entrevistados foram divididos em grupos conforme a renda mensal familiar, a escolaridade e a classe econômica (definida com base na posse de bens de consumo).

O resultado dessa divisão e a análise de como os entrevistados se comportam, o que consomem, qual o nível de acesso a bens e serviços e quais valores prezam terminaram nos cinco grupos.

Esses critérios explicam o que seria uma discrepância se apenas a renda familiar fosse usada como parâmetro.

Na classe média intermediária, apenas 20% aparecem na faixa entre 3 e 10 salários mínimos de renda familiar, enquanto 46% dos integrantes da classe média baixa tem ganhos nesse patamar.

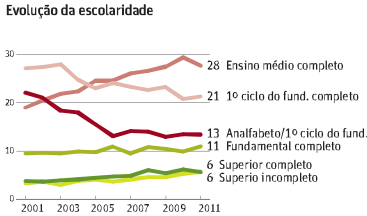
A análise das mesmas variáveis (renda, escolaridade e classe) em pesquisas anteriores realizadas pelo Datafolha permitiu o dimensionamento da evolução desses cinco grupos desde 2001.

A margem de erro da pesquisa, realizada entre 9 e 11 de agosto, é de dois pontos percentuais para mais ou para menos, considerando um nível de confiança de 95%.

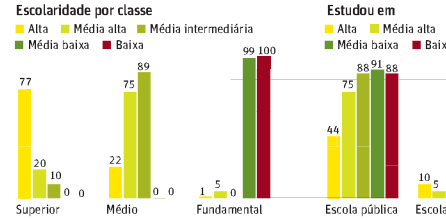
Isso significa que se fossem realizados 100 levantamentos adotando essa mesma metodologia, em 95 os resultados estariam dentro da margem de erro prevista.

Exclusiva para fins educacionais.

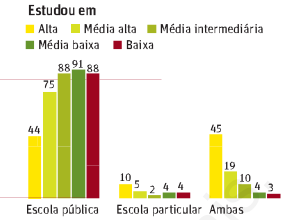
CRESCE O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR
Em %



ESCOLARIDADE DIFERENCIA CLASSES
Em %



MAIORIA SÓ ESTUDOU NA REDE PÚBLICA
Em %



Sua excelência, a educação

Escolaridade se mostra fundamental para a queda da desigualdade e o crescimento da classe média

ANTÔNIO GOIS
DO RIO

Dinheiro e posse de bens de consumo podem ser sinais exteriores de prosperidade, mas o que realmente distingue com clareza a classe social à qual o brasileiro pertence é a escolaridade.

O levantamento Datafolha mostra que no topo da pirâmide, por exemplo, a maioria possui nível superior. Descendo um degrau, no que seria uma classe média alta, esta proporção cai significativamente, e o nível de instrução da maioria passa a ser o ensino médio completo.

Assim vai até chegarmos à base da pirâmide, em que o mais comum é ser analfabeto ou nem sequer ter completado o primário, equivalente hoje ao quinto ano do ensino fundamental.

Estudar é, portanto, o melhor passaporte para a mobilidade social. E, apesar de muitos brasileiros ainda terem uma escolaridade precária, a boa notícia foi que a distância entre pobres e ricos no que diz respeito ao acesso à escola diminuiu.

Há dez anos, o Datafolha registrava que havia mais brasileiros que não tinham completado o ensino fundamental do que aqueles que possuíam ao menos o nível médio completo.

Hoje, a situação se inverteu, e esse movimento teve papel fundamental na redução da desigualdade e no crescimento da classe média no país, como comprovam alguns estudos.

O mais recente deles, dos pesquisadores Naércio Menezes Filho e Alison Pablo de Oliveira, ambos da USP (Universidade de São Paulo) e do Insper (Instituto de Ensino e Pesquisa), mostra que 40% da queda da desigualdade no mercado de trabalho na década passada é explicada pela melhoria da escolaridade dos mais pobres.

O economista Marcelo Neri, da FGV (Fundação Getúlio Vargas), que chegou a conclusão semelhante em estudo divulgado em maio, lembra que a educação no Brasil nem sempre jogou a favor da redução da desigualdade.

Nos anos 1970, durante o chamado "milagre econômico", o avanço pífio da escolaridade fez com que os poucos brasileiros mais instruídos se beneficiassem muito mais do bom momento econômico do que os aqueles que estudaram menos tempo.

Na década passada, mesmo sem taxas tão altas de crescimento do PIB (Produto Interno Bruto), foram os mais pobres que registraram maior aumento na renda, permitindo que muitos mudassem de classe econômica, em boa parte devido à melhoria de sua escolaridade.

"A educação teve papel fundamental para explicar essa fantástica queda da desigualdade. E, nesse campo, muito do que foi colhido na década passada começou a ser plantado nos anos 1990", afirma o economista.

Neri se diz otimista com a continuidade desse processo. "Muitos, inclusive eu, acreditavam que o crescimento dessas classes era sustentado mais na oferta de crédito e de programas sociais. Mas hoje entendo que as pessoas estão ascendendo também porque estudaram mais e tiveram menos filhos."

MENOS RISCOS

Priscila Cruz, diretora-executiva do movimento Todos Pela Educação, lembra que quanto menor a escolaridade, menor a proteção contra crises econômicas.

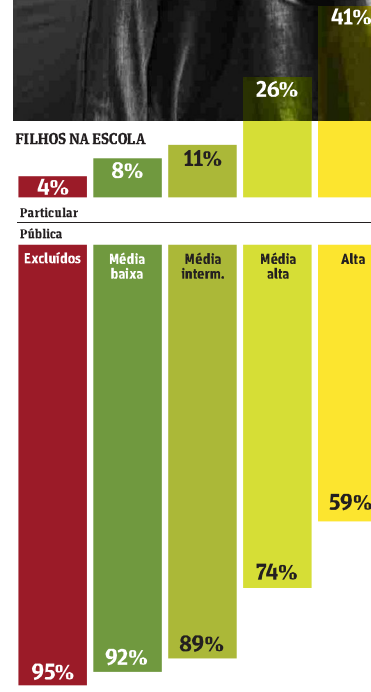
"Se a economia desaquece, muitos dos brasileiros que migraram para a classe C beneficiados só pelo crescimento podem voltar para as classes D ou E. Com mais instrução, a pessoa tem mais força para reagir às adversidades e capacidade de migrar de um setor para outro."

Para ela, no entanto, à medida que as diferenças em termos de acesso diminuem, aumenta a importância da qualidade do ensino.

"Cada vez mais, o que diferenciará as classes não será tanto o nível de ensino ao qual cada um chegou, mas a qualidade da educação recebida", afirma.

Cruz avalia ainda que será um erro se boa parte dessa nova classe média fugir da escola pública em busca de mais qualidade nos colégios particulares.

Seu argumento é que essa migração teria efeito prejudicial para a educação na rede pública e não seria garantia de melhor ensino, já que muitas escolas privadas, especialmente as que oferecem cursos mais baratos, têm também qualidade muito ruim.



58%

Mais da metade dos entrevistados dizem que não costumam ler livros — o hábito de leitura, porém é outra forte característica a distinguir as classes sociais. Na classe alta, o índice dos que não têm o hábito de ler é de 31% (a média de obras lidas por ano é de 4,5). No outro extremo, dos excluídos, 81% não leem, e a média de obras lidas é de 0,8. Para toda a população, a proporção é de 2,2.

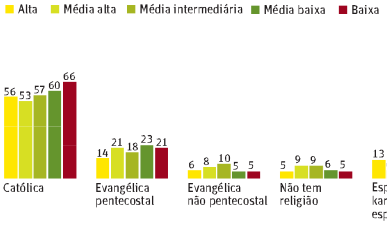
ELITE VALORIZA MAIS REDE PÚBLICA

Os brasileiros da classe alta são os que menos frequentam a escola pública (44%), mas, curiosamente são o grupo que mais a valoriza — 87% deles dão grau dez de importância em ter bom ensino público. Entre os excluídos, grupo em que apenas 4% das famílias têm filhos em colégio particular, 67% acreditam ser muito importante que a rede públicado país ofereça educação de qualidade.

Reprodução proibida para fins não educacionais

PARCELA DE CATÓLICOS É MAIOR ENTRE EXCLUÍDOS

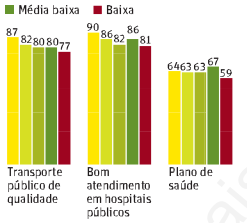
Em %



Distribuição da religião na população brasileira

CLASSE MÉDIA É A QUE MAIS VALORIZA TRANSPORTE PÚBLICO

% de notas 10



Felipe Morozini/Folhapress

Estudar e subir na vida ganham mais importância do que casar e ter filhos

DE SÃO PAULO

Mesmo separados por um hiato grande de renda familiar e de escolaridade, os brasileiros compartilham o desejo de subir na vida.

A realização profissional é considerada um valor muito mais importante do que casamento por integrantes de todas as classes sociais. Segundo o Datafolha, também prevalece a percepção de que a educação é o principal instrumento para a felicidade.

Para o cientista político Amaury de Souza, da MCM Consultores, com a universalização do acesso ao ensino fundamental, os trabalhadores precisam "ir além" para conseguir destaque no mercado de trabalho.

"Hoje não é mais possível ascender sem investimento em educação", diz.

Já a importância atribuída à realização profissional, na opinião de Souza, está ligada "ao desejo de conquistar uma renda alta e estável".

Escaldados pelo histórico de altos e baixos da economia do país, os brasileiros também passaram a valorizar a "estabilidade no trabalho".

"Para ter uma família estruturada, poder dar aos filhos o que acho que eles vão precisar, preciso ser uma profissional completa", diz a médica Denise Torejane, 28.

Ela está acabando a especialização em cirurgia plástica e trabalha ao menos 12 horas por dia. Tem namorado, mas diz que casar e ter filhos não é prioridade agora.

Casado e à espera da primeira filha, o professor universitário Leonardo Pio, 28, também diz que realização profissional é o que mais importa na sua vida hoje.

"Talvez eu passe a pensar de forma diferente com a chegada da minha filha, mas acho que realização profissional é importante tanto pelo retorno financeiro como pela conquista pessoal."

Embora brasileiros de diferentes estratos sociais pareçam concordar sobre que aspectos são mais importantes para a felicidade, o grau de consenso é menor nas classes mais baixas.

Metade dos excluídos, por exemplo, citou o estudo como aspecto muito importante para a felicidade — na classe alta, o índice foi de 80%. Essa tendência se repetiu para quase todos os valores mencionados na pesquisa.

Segundo especialistas, isso pode indicar um grau maior de desilusão entre as camadas de renda menor. O desinteresse pela política parece confirmar essa leitura.

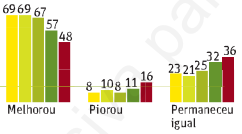
A falta de preferência por algum partido atinge 70% entre os excluídos, contra 54% na classe alta. (ÉRICA FRAGA)

CLASSE MÉDIA ALTA

A cabeleireira e manicure Tania da Silva Araújo, 40, não completou o ensino médio, mas acha que o futuro das filhas Thalita, 16, e Letícia, 10, alunas da rede pública, depende muito do estudo. Para isso, ela e o marido, que também não chegou a concluir a faculdade de administração, investem em acesso à internet e em aulas de inglês. A família vive em casa própria na zona norte de São Paulo, tem plano de saúde, pago pela empresa na qual o marido trabalha, e carro.

PARA 61%, A VIDA MELHOROU

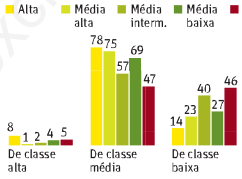
Em %



Sete em cada dez integrantes das classes alta e média alta avaliam que a vida melhorou nos últimos quatro anos

MAIORIA ACHA QUE SEU BAIRRO É DE CLASSE MÉDIA

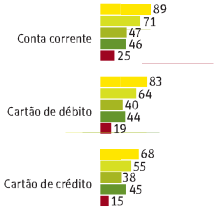
Como considera o bairro onde vive, em %



14% da classe alta considera que vive em um bairro de classe baixa

CLASSES MAIS BAIXAS USAM MENOS SERVIÇOS BANCÁRIOS

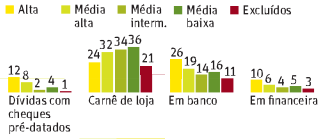
Em %



49% da população possui conta corrente

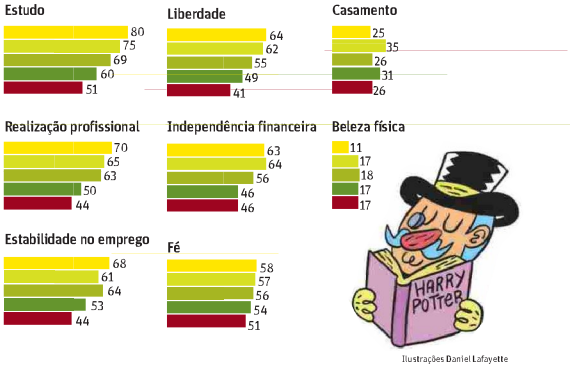
DÍVIDA MAIS COMUM É COM CARNÊ DE LOJA

Em %



CLASSES MAIS ALTAS VALORIZAM MAIS ESTUDO

% dos que falaram ser muito importante para a felicidade



Ilustrações Daniel Lafayette

Conteúdo exclusivo para fins educacionais.

Fonte: Folha de S. Paulo, São Paulo, 22 jan. 2012, Especial Classes, p. 1-5.